

PRINCESA: LUZ ÀS FORMAS DE INVISIBILIZAÇÃO AOS CORPOS TRABALHADORES NA CIDADE DE PELOTAS.

LUCAS PINTO CORREA¹; EDUARDA AZEVEDO GONÇALVES³

¹Universidade Federal de Pelotas – lucaspintocorrea1@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – dudaeduarda.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo versa sobre a dimensão teórica/prática do processo de criação da série de pinturas *Princesa*, que possui como temática a representação pictórica de trabalhadores formais e informais, a partir da observação do cotidiano nas ruas da cidade de Pelotas, RS. Esta pesquisa é subsidiada pela bolsa de iniciação científica PROBIC FAPERGS/UFPEL, vinculada ao Projeto de Pesquisa Territórios, deslocamentos, cartogravistas e cartografias na arte contemporânea, a partir do sul do Brasil, e, ao Grupo de Pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas - DESLOCC (CNPq/UFPEL), sob coordenação e orientação da Profa. Dra. Eduarda Gonçalves,

A motivação para a elaboração dos trabalhos artísticos origina-se por perceber um processo de invisibilização, que paira sobre corpos trabalhadores no cotidiano da cidade. Esse processo é fundado na negação dos viveres pessoais desses indivíduos em detrimento da sua função como trabalhador em prol da sociedade, a partir do momento em que se tornam trabalhadores, são vistos apenas como executores de função. Trabalham abaixo de sol, tomados por elementos-chave de identificação que camuflam sua fisionomia, tornando improvável um aprofundamento no olhar de quem está de fora, são homogeneizados e têm suas identidades ofuscadas pelo labor. Por meio da linguagem da pintura, busco dar luz à tal invisibilização, através da utilização de elementos visuais, e assim construo pictoricamente retratos e cenas que trazem à tona essas figuras que estão em segundo plano, delimitadas por um uniforme e enclausuradas em *Princesa*. A problematização da investigação se configura a partir da seguinte questão: Como a pintura pode revelar um modo de dar luz a invisibilização de sujeitos pelo contexto de trabalho na cidade de Pelotas?

Maxwell Alexandre, artista plástico, Frantz Fanon, psicanalista e Caiuá Al-Alam, historiador, são os referenciais que me acompanham durante o processo e me auxiliam a desenvolver a produção poética e pictórica.

2. METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa em artes visuais, tem como escopo a prática/teoria que envolve o processo de criação, enfatizando a processualidade prática-cognitiva. Na minha produção artística desenvolvo uma série de pinturas denominada *Princesa*, na qual retrato as práticas dos trabalhadores do cotidiano, que observo diariamente na cidade durante os deslocamentos de minha casa até a faculdade de Artes. Os trabalhadores são caracterizados pelos uniformes, geralmente em tons de cinza com listras fluorescentes, juntamente com os EPIS sempre em cores de tom bem alto e que possuem um apelo estético muito forte, sempre me chamaram a atenção, pois, percebo uma ambiguidade nesse destaque, por mais que haja essa forte atração visual presente por diferentes elementos que os caracterizam como trabalhadores, há uma esmagadora

invisibilização que paira sobre esses sujeitos justamente pelo mesmo motivo: o labor cotidiano. Quem olha, apenas os enxerga, não há aprofundamento no olhar. Através de uma espécie de mapeamento visual sobre elementos-chave como o capacete, as ferramentas de trabalho, o uniforme, entre outros, em poucos segundos identificamos a quem estamos mirando, assim, não sendo necessário um segundo olhar, como se a identidade de cada um dos indivíduos fosse explicada e resumida pelo trabalho, como se sua essência fosse serem trabalhadores, nada além, nada mais profundo, apenas executores de função. Esses sujeitos são considerados não-sujeitos. A série de pinturas **Princesa**, traz consigo três elementos de extrema importância para a construção de seu sentido, são eles: O papel pardo, a figura do trabalhador e a palavra Princesa. Existe um padrão do campo pictórico da série, que se constrói por meio de uma sobreposição de camadas. O papel pardo cru em terceiro plano cria o contraste de luz e sombra da figura do trabalhador que está em segundo plano, revelado



pelo pigmento preto, utilizo linhas e preenchimentos de cor com o pincel bem carregado a fim de fazer com que a tinta escorra a medida em que vou pintando e a figura se construa a partir da delimitação tendo assim um caráter dramático, estático e tensionado (Fig.1). A utilização do papel pardo como suporte é onde ocorre a minha aproximação com o trabalho do artista Maxwell Alexandre que na série *Pardo é Papel*, traz figuras negras em posições de poder com uma autoestima elevada sobre a materialidade parda, levantando uma discussão sobre a questão da

negritude e negando o termo “pardo” que é utilizado como dispositivo racista para o apagamento da identidade negra, pois, carrega um sentido de indefinição.

Figura 1. Quem pisou no seu rosto?. 2024. Pigmento e acrílica sobre papel pardo. 1,20x80cm.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na série *Princesa*, tendo como referência o sentido do papel na produção de Maxwell, utilizo o papel pardo justamente para dar a ver e potencializar o processo de desorientação da identidade que ocorre no corpo em detrimento da função exercida pelo trabalhador, fazendo-o habitar um lugar vazio. São apenas corpos uniformizados que trabalham. Seus gostos, defeitos e preferências estão mascarados, escondidos pela função servil que exercem diante a sociedade. As figuras humanas retratadas são invisibilizadas pelas suas práticas e etnia, as equipes de trabalho que percebo em atividade diariamente estão situadas na parte mais escura da escala, em grande maioria pretos claros, retintos e pessoas melanizadas. Eu trago a palavra **Princesa** em um tom de carmim, um pouco mais baixo e escuro, em primeiro plano, superior à figura do trabalhador na intenção de evidenciar ainda mais o enclausuramento que ocorre sobre os trabalhadores a partir do trabalho que assumem. Trago essa palavra em primeiro plano com o

intuito de abrir portas para diferentes caminhos de pensamento, mas que na minha concepção todos acabam levando direta ou indiretamente para um conceito de organização, hierarquia, controle justamente pela composição da pintura que vem se construindo por sobreposição.

O enquadramento e as posições dos indivíduos, nas pinturas, de *Princesa* se propõe a ressaltar a **elaboração do esquema corporal** dos trabalhadores, como apontado pelo psiquiatra Frantz Fanon (1952), ou seja:

O conhecimento do corpo é uma atividade puramente negacional. É um conhecimento em terceira pessoa... Se eu quiser fumar, precisarei esticar o braço direito para alcançar o maço de cigarros que está na outra ponta da mesa. Os fósforos, por sua vez, estão na gaveta da esquerda; precisarei recuar um pouco. E todos esses gestos, eu os faço não por hábito mas por um conhecimento implícito. Lenta construção do meu eu enquanto corpo no interior de um mundo espacial e temporal, parece ser esse o esquema. (FANON, 1952, p. 126)

Não é o labor propriamente dito que procuro exaltar na composição visual do trabalho, é o corpo no qual a ação da gravidade está sempre agindo com mais peso sobre, curvado ao chão, ressaltando a posição de subserviência desses corpos para com a sociedade e o trabalho (Fig.2).

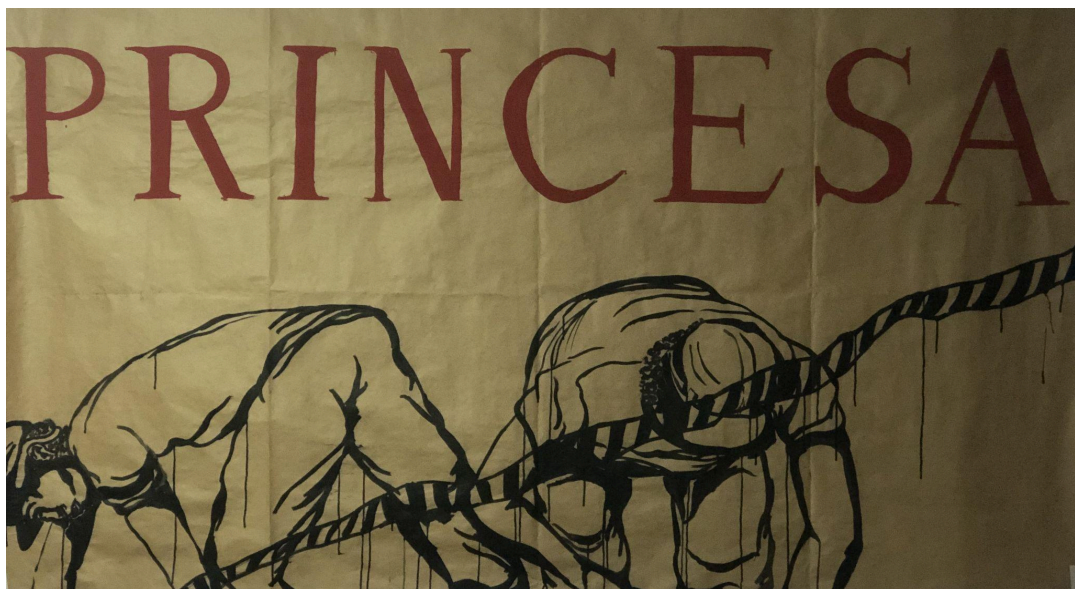


Figura 2. Sem Título. 2024. Pigmento e acrílica sobre papel pardo. 200x120cm.

O trabalhador possui um corpo delimitado, escorrido, pesado, apenas com parte do rosto mostrado ou coberto completamente, é um corpo escondido com identificações aparentes, não acessamos o seu eu pessoal e sim o eu enquanto corpo trabalhador. E esse perceber do corpo do outro apenas a partir da lente do trabalho é indissociável do processo de escravização que foi vivido no Brasil, onde Pelotas foi parte contribuinte muito importante, sendo verificada como um dos piores lugares para um corpo escravizado estar em função do trabalho exaustivo de 16 horas por dia, condições precárias e péssimo clima para um corpo fragilizado que trabalha de pés descalços na beira dos arroios. As Charqueadas eram sinônimo de castigo no Brasil, um purgatório onde

escravizados que tinham comportamentos inaceitáveis em outras regiões eram trazidos até aqui onde a expectativa de vida, medida em período de trabalho, era de 5 a 7 anos. Caiuá Al-Alam (2008), historiador, constata:

Estes indícios nos possibilitam confirmar a idéia de que as charqueadas constituíam-se em um dos espaços onde eram destinados os escravos revoltosos do país, como punição, como castigos, e confirma a idéia das charqueadas como um purgatório, ou seja, um lugar de péssimas condições de trabalho. (Al-Alam, 2008, p.39)

A desumanização do corpo para exercer o labor exaustivo ainda reverba atualmente e é produto da escravidão, o trabalhador hoje só ganhou uma remuneração precária e uniformes. É o corpo trabalhador contemporâneo que retrato em minhas pinturas, ele é do tempo presente mas se configura e origina-se de práticas do passado escravista. No momento atual de minha produção, tenho feito esse movimento de me voltar ao passado e pretendo remontar essa linha do tempo em pintura, que me parece muito mais cíclica do que linear, pois, grande parte da invisibilização e violência que sofre o corpo trabalhador atualmente não é produto do presente e sim continuação de um processo que não se findou, apenas se modificou.

4. CONCLUSÕES

Tenho como propósito trazer à tona essas questões que não foram resolvidas, mas veladas pela cultura da cidade que preza por exaltar o lado sofisticado, glorioso da história enquanto nega a crueldade e violência que possibilitaram tal prosperidade da cidade. O trabalhador é uma figura de extrema importância na minha produção artística e pretendo continuar a trabalhá-lo juntamente com outras questões da cultura local, explicitando o que está por trás das arquiteturas, dos monumentos, dos personagens que dão nome às praças e ruas. Me proponho a mostrar em minha pintura o que a cidade de Pelotas e sua cultura tentam pôr para debaixo dos panos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Al-Alam, C.C. **A Negra Força da Princesa: polícia, pena de morte e correção em Pelotas (1830-1857)**. Pelotas: Edição do Autor, Sebo Icária, 2008.

FANON, F. A Experiência Viva do Negro. In: FANON, F. **Pele Negra Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu, 2020. 5, p.126. 125 – 154.

Museu de Arte do Rio. **Making Of Pardo é Papel, de Maxwell Alexandre**. YouTube, Rio de Janeiro, 14 jan. 2020. Acessado em 07 jun. 2025. Online. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-TvR_g3HCvg

LONER, A. B. GILL, L. A. Enfermidade e morte: os escravos na cidade de Pelotas, 1870-1880. **SciELO**, ?. p. 1 - p.20, 05 Mar 2013.